

A ESTÉTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO DE CASO NA PERSPECTIVA DOS MONITORES DE CRECHE

Luana Tonet¹

Henri Luiz Fuchs²

RESUMO

O presente estudo busca refletir sobre o conceito de espaço estético na Educação Infantil. O espaço escolar configura-se como um contexto significativo que contribui para o desenvolvimento identitário, fortalece o sentimento de pertencimento e favorece a criação de vínculos por meio das interações e brincadeiras. A estética nos ambientes educativos envolve uma organização intencional, ética e sensível, que comunica valores, valoriza a escuta. Ela amplia as formas de expressão das infâncias e promove experiências que estimulam o desenvolvimento integral das crianças. O estudo também analisa as percepções dos monitores de creche quanto à estruturação e à importância dos espaços estéticos na Educação Infantil, considerando o ambiente como o terceiro educador e reconhecendo seu papel essencial no processo de aprendizagem. As relações e interações estabelecidas pelas crianças com os espaços contribuem para a construção de sentidos e conhecimentos. O brincar, como linguagem própria da infância, permite a descoberta do mundo e exige ambientes que estimulem o senso criativo, possibilitando a criação e reinvenção de brinquedos a partir dos materiais disponíveis no cotidiano. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória, e utiliza a metodologia do estudo de caso, com foco em uma escola de Educação Infantil no município de Carlos Barbosa. A produção de dados ocorreu por meio de observações, registros fotográficos e entrevistas com os monitores da instituição. O referencial teórico sustenta-se nos estudos de Barbosa (2008), Bortolotti (2015), Horn (2004), Hoyuelos (2020), Malaguzzi (1999) e Zabalza (1998). A análise evidenciou que as profissionais reconhecem o espaço estético como recurso essencial ao desenvolvimento infantil, embora existam limitações estruturais. Conclui-se que há a necessidade de pensar e repensar o espaço como lugar de escuta e pertencimento, o que demanda políticas públicas que valorizem a infância, as interações e a formação dos profissionais.

Palavras-chaves: Educação Infantil; Espaço Estético; Práticas Educativas; Desenvolvimento Infantil; Monitores.

1. INTRODUÇÃO

A escolha do tema estética se deu a partir das minhas experiências e vivências como auxiliar de escola, na Educação Infantil. Ao observar e acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem das crianças, a interação que elas tinham uma com as outras, e principalmente com o meio em que estavam inseridas, tornou-se

¹ Discente do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia no Instituto Federal do Rio Grande do Sul - Campus Bento Gonçalves. E-mail: luanatonet21@gmail.com

² Professor orientador. Docente no curso de Pedagogia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Bento Gonçalves. E-mail: henri.fuchs@bento.ifrs.edu.br

visível a influência que a organização do espaço possuía como ferramenta de aproximação e socialização das crianças com o meio, e as crianças umas com as outras, na interação e comunicação, desenvolvendo suas habilidades, compartilhando valores e cultura.

Dessa forma, essa pesquisa possui o objetivo de observar, compreender e investigar as práticas, percepções e concepções de um conjunto de profissionais que atuam diretamente com as crianças na Educação Infantil, além de analisar a maneira em que a organização dos espaços estéticos impactam no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Visto que a organização do espaço de maneira estética pode ser considerada um importante recurso que contribui para que o educador busque aspectos de crescimento das potencialidades das crianças no seu processo de aprendizado.

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo do tipo exploratório. Conforme destaca Gil (2008), estudos deste cunho possuem a finalidade de proporcionar maior familiaridade com o problema, a fim de torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses que auxiliem na compreensão de uma situação-problema. Caracteriza-se por sua flexibilidade metodológica, utilizando técnicas como revisão bibliográfica, entrevistas com especialistas e observação não estruturada, sendo fundamental para abrir caminhos para estudos mais aprofundados e contribuir para o avanço do conhecimento científico.

Além disso, o estudo a seguir possui enfoque qualitativo, por buscar compreender, de maneira aprofundada, os sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos envolvidos em um contexto específico. Ludke e André (1986, p. 44) enfatizam que “[...] a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento”. A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se pela natureza do objeto de estudo, que exige sensibilidade para interpretar subjetividades, interações e contextos sociais.

A metodologia adotada fundamenta-se em um estudo de caso que possui uma estratégia de pesquisa que busca compreender um fenômeno específico dentro de seu contexto real. Segundo Yin (2010), ele é ideal quando o pesquisador deseja

investigar algo contemporâneo sem separar o fenômeno do ambiente em que ocorre. Gil (2008) destaca que o estudo de caso proporciona um conhecimento amplo e aprofundado do objeto estudado, sendo útil tanto em pesquisas exploratórias quanto explicativas, ao buscar compreender significados, processos ou situações complexas.

Este estudo busca investigar como os monitores de creche percebem e utilizam os espaços estéticos na Educação Infantil, suas percepções e a compreensão que possuem referente a contribuição dos ambientes no processo educativo e no desenvolvimento das crianças. Visto que, neste contexto, a organização dos espaços e a estética desempenham papel crucial no desenvolvimento infantil ao influenciar diretamente nas interações, no aprendizado e no bem-estar dos pequenos.

A perspectiva dos monitores de creche é essencial para compreender como os espaços estéticos são vivenciados no dia a dia da instituição. Esses profissionais têm um contato direto com as crianças e desempenham um papel ativo na organização e utilização dos espaços. Segundo Ricordi (2020), a utilização, transformação e ocupação dos espaços internos da escola por crianças e docentes são fundamentais para a construção do cotidiano educativo. A autora destaca que a organização do espaço requer esforços dos docentes para preparar o ambiente, observar seu uso pelas crianças e escutá-las sobre esse aspecto que estrutura o cotidiano educativo.

A produção de dados ocorreu por meio de observações diretas no espaço físico da instituição, com foco na organização dos ambientes utilizados pelas crianças e pelos profissionais, considerando aspectos como a intencionalidade estética, funcionalidade pedagógica e presença de elementos naturais e culturais. As observações foram complementadas por registros fotográficos, os quais permitiram documentar visualmente o arranjo dos espaços e subsidiar a análise posterior. Além disso, foi realizada uma entrevista semiestruturada com os monitores de creche que atuam na instituição selecionada, a fim de compreender suas percepções sobre a organização do ambiente e os sentidos atribuídos às suas práticas no cotidiano escolar.

Com relação à análise dos dados produzidos, a técnica proposta por Laurence Bardin (2016), professora e pesquisadora francesa, oferece suporte para organizar e interpretar informações de forma sistemática, visando uma melhor compreensão dos significados presentes.

A organização dos espaços estéticos na Educação Infantil exerce um papel crucial no desenvolvimento das crianças, atuando como um elemento que impacta de maneira significativa tanto o processo de aprendizagem quanto a formação da identidade infantil. Esses espaços, ao serem planejados e estruturados de forma cuidadosa, não apenas estimulam a exploração sensorial e cognitiva, mas também contribuem para a criação de um ambiente que favorece a expressão pessoal e o desenvolvimento emocional dos pequenos. Assim, a maneira como os ambientes educacionais são organizados e decorados influenciam diretamente nas interações das crianças com o mundo ao seu redor, no processo de aprendizagem e na construção identitária. Desta forma, reforça-se a importância do princípio da escola como um contexto estético habitável (Hoyuelos, 2020). Este trabalho se concentra na análise da organização dos espaços estéticos, dentro da instituição de Educação Infantil pública, analisando suas configurações de maneira a proporcionar experiências significativas para as crianças, respeitando suas individualidades e favorecendo a expressão criativa.

O modo de organização estética nos espaços é um tema que nos desafia a pensar, estabelecer, compreender e analisar como ocorrem as relações interativas das crianças nos espaços recreativos construídos no ambiente escolar. Espaços bem planejados, organizados com base na centralidade da criança e articulados ao tempo e ao espaço de maneira intencional, podem estimular a criatividade, a interação e a aprendizagem, contribuindo para a construção de ambientes enriquecedores que favoreçam o desenvolvimento integral infantil.

A partir das observações e experiências adquiridas ao longo da minha trajetória como auxiliar de educação infantil, foi possível perceber que, embora os monitores de creche façam uso do espaço externo na construção de vivências significativas com as crianças, muitas vezes deixam de explorar plenamente o potencial pedagógico e estético da sala de referência. Em tais situações, o ambiente

tende a se restringir a uma função meramente operacional, mostrando-se pouco acolhedor e pouco estimulante para as crianças, o que pode comprometer o desenvolvimento integral dos pequenos. A organização do espaço, por sua vez, costuma ser realizada de maneira apressada ou baseada em modelos padronizados, sem considerar recursos visuais e sensoriais que possibilitem contribuir para a construção de um ambiente mais convidativo e propício ao aprendizado.

Por vezes, a organização estética da sala de aula possui carência de elementos que favoreçam a exploração, a criatividade e o vínculo afetivo, aspectos considerados fundamentais para a Educação Infantil. A ausência de uma curadoria cuidadosa na escolha das cores, texturas e iluminação, assim como a falta de cantinhos temáticos bem estruturados e materiais didáticos acessíveis e diversificados, limita as possibilidades de estímulos sensoriais e cognitivos para as crianças. Esses elementos, quando planejados de forma intencional, não apenas tornam o ambiente mais acolhedor, mas também promovem o desenvolvimento da autonomia, da imaginação e do senso estético, fatores essenciais para a construção do conhecimento em uma fase tão sensível e formativa da vida.

Portanto, é imprescindível que os profissionais envolvidos na Educação Infantil reflitam sobre a importância da organização do espaço como ferramenta pedagógica, não apenas como um local funcional, mas como um espaço rico em significados e estímulos que dialoguem com a realidade e as necessidades das crianças. Dessa forma, elas serão instigadas a desenvolver a curiosidade, a autonomia e valorizar o brincar como parte fundamental do processo educativo na Educação Infantil.

Vale ressaltar que para a realização deste estudo, optou-se por adotar a perspectiva dos monitores de creche, considerando sua atuação direta e cotidiana com as crianças na Educação Infantil. Embora a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) não estabeleça uma exigência de formação específica para o exercício da função de monitor, em muitos contextos, esses profissionais possuem formação voltada para a área educacional, como cursos técnicos em Magistério (modalidade normal) ou formação de nível superior em Pedagogia.

No caso específico do município de Carlos Barbosa, conforme análise de editais de processos seletivos realizados pela Prefeitura Municipal, verifica-se que a exigência para o exercício da função de monitor de creche inclui a conclusão do curso de Magistério ou a Licenciatura em Pedagogia. Essa determinação aponta para uma qualificação mínima dos profissionais que atuam com a primeira infância, o que reforça a relevância de considerar suas percepções no contexto deste estudo.

Dessa forma, o interesse por investigar as representações e experiências dos monitores de creche neste estudo de caso está fundamentado na compreensão de que esses profissionais, apesar de não serem professores regidos pelas mesmas diretrizes da docência, possuem uma formação básica e desempenham um papel significativo no cotidiano pedagógico das instituições de Educação Infantil. Assim, suas observações e práticas oferecem contribuições para a análise da organização dos espaços educativos e das concepções pedagógicas que os orientam, visto que a qualificação lhes confere subsídios teóricos e práticos para atuar com a infância, tornando relevante a interpretação de suas contribuições para a construção de espaços educativos mais significativos e humanizados.

2. OS ESPAÇOS ESTÉTICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

2.1 Espaços estéticos na Educação Infantil e a sua relação entre o ambiente físico e desenvolvimento infantil

Podemos considerar, de acordo com Bateson, G. (1989, p. 205), que a estética é “o estudo dos processos desenvolvidos no criador e no espectador por meio dos quais a beleza é criada e reconhecida”. Ele também entende a estética como ser sensível à estrutura que conecta as coisas ou os acontecimentos. Ela não está relacionada somente à estrutura, mas na organização atrativa, no cultivo da sensibilidade.

Muito além de um simples local físico, Horn (2004) afirma que o espaço onde ocorrem as experiências educativas exerce um papel fundamental na construção do conhecimento, das relações e da identidade das crianças. Na perspectiva contemporânea da Educação Infantil, autores como Barbosa (2008) e Hoyuelos (2020) pontuam que o espaço precisa ser visto como um elemento ativo no processo

educativo — um ambiente que comunica intencionalidades pedagógicas, que provoca interações e potencializa experiências sensíveis. Um espaço estético bem planejado estimula a curiosidade, o senso de pertencimento e o desenvolvimento integral dos pequenos. No entanto, ainda é comum que muitas instituições tratem o ambiente como algo secundário, sem considerar seu potencial como recurso educativo.

Segundo Loris Malaguzzi (1999), criador da abordagem Reggio Emilia, o espaço é considerado o “terceiro educador”, ao lado do adulto e das outras crianças. Para ele, o ambiente deve ser pensado de forma intencional, como uma extensão da Pedagogia, favorecendo o protagonismo infantil, a escuta e a liberdade de expressão. Um espaço estético, nessa concepção, possibilita às crianças o direito de habitar um local que elas sejam provocadas a olhar, instigadas por sua curiosidade e estimulando suas múltiplas linguagens, contribuindo significativamente para a construção de conhecimento.

Alfredo Hoyuelos (2020), estudioso e divulgador da abordagem de Reggio Emilia, reforça a ideia de que o espaço estético é ético e político. Para ele, os ambientes falam das concepções que os adultos têm sobre as crianças: um espaço organizado com beleza, cuidado e respeito comunica à criança que ela é valorizada e reconhecida como sujeito de direitos. Assim, o espaço estético não se restringe ao bom gosto visual, mas traduz uma postura pedagógica que valoriza a cultura da infância e sua expressão livre e plural.

No contexto brasileiro, Maria da Graça Souza Horn (2008), educadora especialista em Educação Infantil, contribui para essa reflexão ao afirmar que os espaços educativos devem ser territórios de experiências e invenções, onde o corpo, o movimento, a sensorialidade e a imaginação das crianças sejam respeitados e potencializados. Para a autora, pensar o espaço como estético é reconhecer o direito da criança à fruição artística e cultural desde os primeiros anos de vida, entendendo que estética também é vivência sensível, relação com o mundo e com o outro.

Já Maria Carmen Silveira Barbosa (2008), também educadora brasileira que

possui diversas contribuições à Educação Infantil, alerta para o risco da padronização dos espaços na educação infantil, muitas vezes moldados por modelos escolarizantes e funcionais, que ignoram as especificidades da infância. Para ela, é essencial superar a lógica utilitarista e adultocêntrica e investir em ambientes que dialoguem com a cultura da infância, reconhecendo o brincar, o imprevisto e a poesia como formas legítimas de habitar e significar o espaço.

A partir dessas perspectivas, é possível afirmar que o espaço estético na educação infantil não é um luxo ou um detalhe secundário, mas um elemento pedagógico essencial. Ele diz da concepção de criança, da imagem de educador e dos valores que sustentam o projeto político-pedagógico da instituição. Um ambiente esteticamente pensado potencializa o brincar, amplia as possibilidades expressivas e garante à criança uma experiência educativa mais rica, sensível e significativa. Como diz Loris Malaguzzi (*apud* Edwards, 1999, p. 157):

Valorizamos o espaço devido a seu poder de organizar, de promover relacionamentos agradáveis entre pessoas de diferentes idades, de criar um ambiente atraente, de oferecer mudanças, de promover escolhas e atividades, e a seu potencial de iniciar toda espécie de aprendizagem social, afetiva e cognitiva. Tudo isso contribui para uma sensação de bem-estar e segurança nas crianças. Também pensamos que o espaço deve ser uma espécie de aquário que espelhe as ideias, os valores, as atitudes e a cultura das pessoas que vivem nele.

Contudo, ainda é possível observar, em muitas instituições de educação infantil, ambientes que carecem de intencionalidade estética, ou seja, não são planejados para oferecer experiências visuais, sensoriais e simbólicas significativas às crianças. Tais espaços são frequentemente marcados por uma rigidez estrutural e organizacional, evidenciada pela disposição fixa e padronizada dos móveis, como carteiras enfileiradas, ou ausência de áreas que favoreçam a interação, o movimento livre e a exploração autônoma. Além disso, verifica-se a presença excessiva de estímulos artificiais, como paredes cobertas por materiais plastificados, painéis com cores vibrantes em excesso, personagens comerciais e elementos decorativos repetitivos que, embora visualmente sejam chamativos, não promovem uma conexão significativa com as vivências e os interesses das crianças.

Paralelamente, há uma notável escassez de elementos naturais — como plantas, pedras, madeira, luz natural e água — e de referências culturais autênticas

que representem a identidade local, as tradições da comunidade ou a diversidade étnico-racial presente no contexto social da escola. De acordo com Malaguzzi (1999) essa ausência contribui para a construção de um ambiente pouco sensível às realidades das crianças, limitando as possibilidades de desenvolvimento da imaginação, do vínculo com o meio em que vivem e da valorização de sua cultura. Assim, a escassez de intenção estética e pedagógica no planejamento dos espaços escolares compromete a qualidade das interações e das experiências formativas no cotidiano da educação infantil. Esse contraste revela a urgência de formação crítica dos profissionais da educação infantil, para que possam compreender o espaço como linguagem pedagógica e como território de direitos da criança.

Hoyuelos (2020) reforça a importância da organização do ambiente como uma escolha consciente e intencional dos espaços, das formas, das relações, as cores, a mobília, as decorações, entre outros elementos. Trata-se de um espaço que favorece e expressa a convivência pedagógica e cultural desenvolvidas nas instituições educativas. Enfatizando essa ideia, Horn (2004, p.61) afirma que:

As escolas de Educação Infantil têm na organização dos ambientes uma parte importante de sua proposta pedagógica. Ela traduz as concepções de criança, de educação, de ensino e aprendizagem, bem como uma visão de mundo e de ser humano do educador que atua nesse cenário.

Ao refletir sobre a organização do espaço na Educação Infantil, é necessário compreender que ele não se limita a um suporte técnico ou funcional. Forneiro (1998) já apontava que o espaço escolar deve ser reconhecido como um elemento curricular, ou seja, como um componente pedagógico que carrega intencionalidades e potencializa aprendizagens. Assim, o espaço não é neutro: ele comunica, influencia comportamentos e produz significados.

Essa visão é aprofundada por Horn (2004) que reforça sobre o modo como os materiais e móveis são organizados, a forma como crianças e adultos ocupam esse espaço e como a interação com eles revelam uma concepção pedagógica. Ou seja, o ambiente poderá ser estimulante ou limitador de aprendizagens, dependendo da atuação dos profissionais, das estruturas espaciais dadas e das linguagens que estão sendo representadas.

De acordo com Bortolotti (2015, p. 51) “a organização dos espaços das escolas está intimamente ligada à cultura escolar.” Nesse sentido, organizar o espaço com intencionalidade estética e pedagógica é, portanto, uma escolha ética e política, que potencializa o espaço escolar de maneira instigante, sensível, aberta à imaginação e à curiosidade das crianças. E é por meio do ambiente de aprendizagem que as crianças pequenas são influenciadas de formas distintas.

Desse modo, a crítica que se impõe é a reprodução de ambientes escolarizados, estéreis e desumanizados, que ignoram a potência da infância e seu modo próprio de habitar o mundo. Pensar o espaço como parte integrante da ação pedagógica é um passo fundamental para transformar a escola em um lugar de encontros significativos, de escuta ativa e de vivências estéticas que respeitam e ampliam o direito de brincar, explorar e se expressar. Barbosa e Horn (2008, p.54) afirmam que:

Um espaço que ao mesmo tempo acolha e desafie as crianças, com a proposição de atividades que promovam a sua autonomia em todos os sentidos, a impregnação de todas as formas de expressão artística e as diferentes linguagens que possam ser promovidas junto a elas.

Malaguzzi (1999) reforça que as crianças possuem o direito de se desenvolver em ambientes acolhedores, esteticamente agradáveis e cuidadosamente planejados. A responsabilidade por garantir tais condições também recai sobre a educação, que não deve se isentar desse compromisso. Nesse contexto, a valorização da dimensão estética configura-se como uma estratégia pedagógica eficaz, visto que a apreciação da beleza está intrinsecamente ligada aos processos autônomos de pensamento e aprendizagem das crianças. O autor também traz a importância da organização dos espaços, com o intuito de contribuir para as implicações estéticas, sociais, afetivas e cognitivas.

O ambiente escolar não pode ser um cenário único e fixo: deve mudar não apenas para superar as saturações perceptivas e o cansaço das crianças (e dos próprios pais e professores), mas para responder tempestivamente às mudanças e ao fluxo de seus argumentos didáticos. (Malaguzzi, 1977, p.45).

Os espaços organizados devem oferecer uma variedade ampla de referências, estímulos e materiais, de modo a criar contextos ricos e diversificados que atendam aos múltiplos interesses e necessidades das crianças. Nas Diretrizes

Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) consta, no Art 3º, que o espaço associado às propostas pedagógicas de maneira coerente é um dos elementos que potencializa o desenvolvimento das crianças. A partir da importância que a organização do espaço possui no desenvolvimento infantil, Faria (2005, p. 74-75) defende que:

A organização do espaço físico das instituições de educação infantil deve levar em consideração todas as dimensões humanas potencializadas nas crianças: o imaginário, o lúdico, o artístico, o afetivo, o cognitivo (...) as instituições de educação infantil devem oportunizar ambientes de vida em contexto educativo, onde as crianças pequenas possam expressar nas mais diferentes intensidades de suas *cem linguagens* (...).

Cabe ao educador promover situações e ambientes em que as crianças possam ser estimuladas a se desenvolverem. Essa intervenção do educador acontece no modo como o mesmo organizará o espaço, os objetos e os materiais disponíveis. É preciso que haja um trabalho coerente que leve em consideração o lugar da estética no espaço, que a mesma esteja organizada com o intuito de incentivar a exploração por meio de experiências enriquecedoras e diversificadas. Bortolotti (2015) afirma que o papel do adulto pode ser definido como o de um parceiro mais experiente, responsável por promover e mediar situações de interação entre as crianças, entre crianças e adultos, e entre a criança e o meio. Para Malaguzzi (1999) o propósito da educação consiste em ampliar as condições que favoreçam a invenção e a descoberta por parte da criança.

Bortolotti (2015) pontua que quando o espaço é cuidadosamente planejado com a criança como protagonista do processo educativo, ele torna-se um ambiente preparado que favorece a autonomia, a autorregulação e a interação significativa, permitindo que a criança explore e atue de forma independente, sem depender constantemente da intervenção do adulto. Alinhado a isso, Faria (2005, p.85) afirma que:

Um espaço e o modo como é organizado resulta sempre das ideias, das opções, dos saberes das pessoas que nele habitam. Portanto, o espaço de um serviço voltado para as crianças traduz a cultura da infância, a imagem da criança, dos adultos que o organizam.

Podemos considerar então que é fundamental reconhecer que a criança necessita de um ambiente rico em estímulos e materiais diversificados, que

possibilitem a criação, a imaginação, a construção e, sobretudo, o brincar. Tais elementos são essenciais não apenas para o desenvolvimento lúdico, mas também para o exercício da capacidade de compreensão e produção de conhecimento, aspectos centrais no processo educativo infantil. Nesse contexto, Bortolotti (2015) reforça que o espaço não é meramente físico, mas configura-se como um componente ativo e significativo da aprendizagem, que deve ser intencionalmente estruturado para favorecer experiências significativas.

Esse espaço, quando planejado de forma desafiadora e estimulante, promove a interação entre crianças e entre estas e os adultos, assim, ele transforma-se em um verdadeiro mediador pedagógico. Malaguzzi (1999) afirma que a promoção de atividades colaborativas nesse ambiente potencializa a construção do conhecimento de forma compartilhada e dialógica, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia, da criatividade e da socialização. Assim, o espaço passa a integrar, de maneira indissociável, a prática pedagógica, atuando como suporte concreto para a vivência e a ampliação das experiências educativas.

3. OS CAMINHOS INVESTIGATIVOS E A ANÁLISE DE DADOS

A pesquisa foi realizada em uma Escola Municipal de Educação Infantil, no município de Carlos Barbosa - RS. Esta escola atualmente está passando por reformas de ampliação e atende crianças a partir dos dois até os cinco anos. A mesma funciona em turno integral com horário de atendimento das 6h30 até às 18h. Conta com 4 professores, que realizam atividades pedagógicas no turno matutino. A instituição ainda conta com uma diretora, uma estagiária, cinco auxiliares gerais, quatro monitores de creche, uma auxiliar de limpeza, uma cozinheira e uma auxiliar de cozinha. A escola apresenta dimensões reduzidas e uma estrutura física antiga. Conforme informações da Prefeitura Municipal (CARLOS BARBOSA, 2025), as obras de ampliação têm como objetivo aprimorar a infraestrutura da unidade escolar, garantindo melhores condições de conforto e segurança tanto para os estudantes quanto para os profissionais da educação. Ressalta-se que, no site oficial da Prefeitura Municipal, encontram-se publicações que tratam da referida obra, contendo informações sobre sua finalidade e etapas de execução.

A produção de dados para esta pesquisa objetiva compreender, de forma aprofundada, os sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos participantes em relação ao objeto de estudo, utilizando-se de três principais instrumentos metodológicos: a observação direta dos espaços estéticos da escola – neste caso são especificamente três espaços de experiências e interações – em conjunto a isso a interação dos pequenos nesses mesmos espaços, com a finalidade de compreender como esses ambientes estão organizados e se favorecem o desenvolvimento sensível e criativo das crianças; a realização de entrevistas semiestruturadas com as monitoras de creche (Apêndice A), a fim de captar suas percepções, práticas e experiências relacionadas ao uso e à organização desses espaços; e, por fim, a análise de referenciais teóricos selecionados, com base em autores que discutem a estética na educação infantil, a fim de embasar teoricamente as interpretações dos dados empíricos. As entrevistas foram realizadas ao longo do mês de março de 2025, com participação voluntária. Cada profissional teve liberdade para decidir se queria ou não participar do estudo, bem como escolher a forma como gostaria de responder às questões propostas. Todas receberam o mesmo roteiro e puderam optar pela melhor forma de expressar suas respostas. Enquanto algumas preferiram responder por escrito e entregar as respostas transcritas, outra profissional optou por gravar um áudio, trazendo suas reflexões de forma oral. Antes do início das entrevistas, todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assegurando que estavam cientes dos objetivos da pesquisa e autorizando o uso das informações de forma ética e responsável. Essa flexibilidade no processo de escuta respeitou os tempos e modos de expressão de cada participante, contribuindo para um ambiente mais acolhedor e ético na produção dos dados.

A análise dos dados foi orientada pelos princípios da abordagem qualitativa, com foco na interpretação compreensiva das informações coletadas. Para tanto, foi adotada uma análise de conteúdo temática, conforme proposto por Bardin (2016), que permite identificar, categorizar e interpretar unidades de significado presentes nos discursos dos entrevistados, nas observações registradas e nas imagens coletadas. Esse processo analítico ocorreu em etapas, iniciando-se com a leitura flutuante do material, seguida pela organização dos dados em categorias

preliminares, que emergiram a partir da recorrência de ideias, percepções e representações expressas pelos participantes.

As categorias foram posteriormente cruzadas com os referenciais teóricos adotados, possibilitando a construção de uma interpretação crítica e fundamentada dos dados, com base nos conceitos de estética, sensibilidade, espaço educativo e infância. Essa articulação entre teoria e empiria permitiu não apenas descrever os dados coletados, mas compreendê-los à luz de concepções pedagógicas que valorizam a criança como sujeito sensível, criativo e ativo no processo educativo. A análise buscou, portanto, evidenciar como os espaços da educação infantil podem ou não favorecer experiências estéticas significativas e qual o papel dos profissionais na mediação desse processo.

Vale ressaltar que as observações para este estudo foram realizadas no turno da tarde, nos meses de março e abril de 2025, com frequência média de duas a três vezes por semana. A escolha pelo período da tarde refere-se ao momento em que as monitoras de creche estão mais presentes nas salas, desenvolvendo atividades recreativas diretamente com as crianças. Aliás, essa proximidade permitiu observar com mais atenção as práticas cotidianas e a forma como os espaços são utilizados no dia a dia da instituição. Durante as visitas, foi possível perceber a presença dos eixos estruturantes da Educação Infantil, conforme propõem as Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2010): as interações e as brincadeiras. Esses dois elementos se manifestavam tanto nas relações entre as crianças e os adultos quanto nos momentos de exploração, descobertas e convivência nos espaços.

As participantes da pesquisa são quatro mulheres, que atuam como monitoras de creche, com idades entre 28 e 42 anos, três delas são casadas, e também três delas são mães. A formação acadêmica e profissional das entrevistadas revela trajetórias diversas, mas todas relacionadas, em alguma medida, ao campo da educação e do cuidado infantil. A participante A³ possui formação em Magistério e também é licenciada em Pedagogia; a participante K iniciou sua trajetória no Magistério, formou-se posteriormente em Direito, concluiu

³ Para preservar a identidade das participantes, foram utilizadas letras como forma de identificação no decorrer da análise. Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme previsto nas diretrizes éticas para pesquisas com seres humanos.

Pedagogia e possui pós-graduação em Gestão Escolar. A participante Y iniciou seu percurso na área da educação, no magistério, em seguida cursou Pedagogia, e possui especialização em Psicopedagogia. A participante C tem formação em Magistério e cursa bacharelado em Serviço Social.

Quadro I - características das monitoras entrevistadas

Entrevistada	Idade	Estado Civil	É mãe?	Formação	Formação complementar	Tempo de atuação na Educação Infantil
Entrevistada 1 - Participante A	29 anos	Casada	Sim	Magistério Licenciatura em Pedagogia	-	10 anos
Entrevistada 2 - Participante K	36 anos	Casada	Sim	Magistério Direito Licenciatura em Pedagogia	Pós-graduação em Gestão Escolar	9 anos
Entrevistada 3 - Participante Y	28 anos	Casada	Não	Magistério Licenciatura em Pedagogia	Especialização em Psicopedagogia	10 anos
Entrevistada 4 - Participante C	42 anos	Solteira	Sim	Magistério	Cursando Bacharelado em Serviço Social	8 anos

O perfil das entrevistadas evidencia um comprometimento com a formação continuada e uma vivência prática significativa no contexto da educação infantil, o que enriquece as análises desta pesquisa ao oferecer múltiplos olhares sobre os espaços estéticos na escola e suas implicações no cotidiano pedagógico.

Ao observar o espaço físico das salas de aula na instituição investigada, foi possível identificar que o ambiente apresenta uma disposição que busca atender às múltiplas demandas do cotidiano escolar, porém com limitações quanto à amplitude e organização do espaço disponível. O mobiliário (Apêndice B) ocupa grande parte da sala, exigindo um constante exercício de conciliação entre os diferentes elementos presentes: armários, mesas e cadeiras dos alunos, mesa da professora, colchões utilizados durante o momento do descanso e as mochilas das próprias crianças. Essa disposição, embora funcional em termos de necessidade, compromete a fluidez do espaço e limita, em certa medida, a possibilidade de exploração livre e criativa por parte das crianças, principalmente nos momentos de

atividades que demandam maior mobilidade.

Outro aspecto relevante observado diz respeito à comunicação visual (Apêndice C) presente nas paredes das salas, especialmente nas turmas com crianças maiores. Há uma grande quantidade de informações expostas, como cartazes de regras de convivência (combinados), calendário com os dias e meses do ano, aniversariantes, registro do ajudante do dia, a tabela de presença e representações do clima ("como está o tempo"). Embora tais elementos contribuam para a construção da rotina e o desenvolvimento da autonomia e da linguagem, o excesso de estímulos visuais pode tornar o ambiente sobrecarregado e, em alguns casos, dificultar a concentração e a organização do espaço em termos estéticos e pedagógicos. Assim, o espaço físico observado revela tanto esforços para atender às necessidades da prática educativa quanto desafios no que se refere à criação de um ambiente esteticamente acolhedor, funcional e estimulante para as crianças.

A configuração do espaço físico e a organização estética nas salas observadas pode ser compreendida por meio das contribuições de estudiosos que refletem sobre a importância dos ambientes na educação infantil como elementos ativos no processo educativo. Horn (2004) reforça que o espaço não é neutro, pois sua configuração como território e lugar são permeados por signos e símbolos que, por meio de suas representações, expressam a cultura local — seja nos ritos sociais, no uso e disposição dos objetos ou nas relações interpessoais. Dessa forma, a partir da análise dos elementos presentes nas paredes e da disposição e organização dos ambientes, como as salas de aula desta instituição específica de educação infantil, é possível compreender a concepção de criança e de educação que fundamenta a prática pedagógica desenvolvida pelos profissionais desta unidade. No entanto, nesse contexto, a sobrecarga de mobiliário e a limitação de áreas livres para a exploração acabam por reduzir as possibilidades de interação autônoma das crianças com o ambiente, contrariando essa perspectiva.

Barbosa (2008) também enfatiza que o espaço deve dialogar com as necessidades das crianças, sendo organizado de forma intencional para promover o protagonismo infantil. Segundo a autora, o ambiente é um dos educadores, e como tal, deve ser pensado para inspirar e desafiar. Nas salas observadas, embora haja

uma intenção de organização da rotina por meio dos cartazes e painéis informativos (Apêndice C), a disposição dos objetos e a grande quantidade de estímulos visuais podem gerar um ruído estético e pedagógico, dificultando a criação de um espaço acolhedor, legível e estimulante.

Essa crítica é reforçada por Hoyuelos (2020), ao dialogar com os princípios da abordagem de Reggio Emilia, quando destaca que o espaço educativo precisa ser vivido como uma "poética do ambiente", no qual a criança encontre possibilidades de expressar-se, interagir e imaginar. O excesso de elementos e a rigidez do mobiliário contrastam com a ideia de um ambiente flexível e provocador, que se adapta às experiências das crianças. Bortolotti (2015) destaca a importância de se pensar o espaço como linguagem: um local que comunica, acolhe e transforma. A ausência de áreas amplas para movimentação e exploração simbólica dificulta que o espaço atue como suporte das múltiplas linguagens da infância, como propõe a pedagogia da escuta.

Na mesma linha, Malaguzzi (1999) defende que a organização do espaço precisa ser estética, ética e política, permitindo à criança atuar como sujeito criativo e competente. O ambiente observado, embora busque cumprir funções pedagógicas e organizacionais, ainda carece de intencionalidade estética e de flexibilidade para fomentar a autonomia e a expressividade infantil.

Assim, evidencia-se que o espaço observado, embora cumpra funções básicas da rotina escolar, revela desafios importantes no que diz respeito à sua potencialidade estética, pedagógica e relacional. Tornando-se necessário repensar a organização dos ambientes de forma mais sensível, criativa e respeitosa à infância, favorecendo a construção de experiências educativas mais ricas e significativas.

A interação das crianças com os espaços observados revelou dinâmicas distintas conforme a faixa etária, refletindo tanto a organização estética quanto às intenções pedagógicas implícitas na disposição dos materiais e mobiliários. Na turma de crianças entre dois e três anos, o ambiente, embora apresentasse elementos diversos destinados ao brincar, carecia de uma distribuição que os tornasse visualmente acessíveis e convidativos. Ainda assim, os objetos

despertavam interesse, e o brincar, apesar de desordenado, acontecia de forma espontânea (Apêndice D): as crianças se espalharam pelo espaço, assim como os brinquedos, ocupando a sala de maneira livre, mas sem uma organização que pudesse favorecer interações mais profundas e significativas com os materiais. Essa dinâmica evidencia a potência do brincar livre, mas também aponta para a necessidade de uma mediação estética mais sensível, que valorize o ambiente como um provocador de experiências.

Na turma com crianças de quatro anos, a situação se repete: o espaço físico não parece construído com intencionalidade clara voltada ao brincar coletivo ou simbólico (Apêndice E). Os brinquedos são disponibilizados em caixas de forma aleatória, sem agrupamento por tipo, materialidade ou função, o que contribui para um brincar mais individualizado, disperso e agitado. A ausência de cenários, cantinhos ou propostas mais organizadas limita a possibilidade de que o ambiente atue como elemento educativo. Nota-se também a carência de acompanhamento mais próximo por parte dos adultos, o que faz com que as crianças explorem os brinquedos de forma mais aleatória, sem aprofundamento nas brincadeiras.

Por fim, na turma das crianças de cinco anos, observou-se uma mudança significativa no uso do espaço: o brincar ocorre, predominantemente, de forma individualizada e sedentária, com cada criança sentada em sua própria classe e cadeira, recebendo uma quantidade fixa de brinquedos (Apêndice F). Nessa configuração, há pouca ou nenhuma socialização, troca ou construção coletiva de brincadeiras. A organização estética do ambiente, nesse caso, parece se aproximar de uma lógica escolar mais tradicional e conteudista, limitando a expressividade e a interação entre pares. Assim, ao longo das faixas etárias, é possível perceber uma progressiva contenção do brincar, que se afasta da ludicidade e da liberdade de exploração, o que vai de encontro às propostas defendidas por autores como Malaguzzi e Barbosa, que veem no espaço um mediador ativo das experiências infantis.

Essa visão utilitária empobrece o potencial do ambiente como terceiro educador, conforme propõe Malaguzzi (1999), ao restringir o espaço a um plano neutro, desprovido de significado, estímulo ou provocação. A ausência de espaços

organizados de forma acolhedora e instigante reflete, em parte, uma formação docente ainda centrada em práticas tradicionais, pouco sensível à dimensão estética e simbólica do espaço. Como aponta Barbosa (2008), a organização do ambiente precisa ser fruto de escolhas pedagógicas conscientes, que comuniquem valores e promovam o protagonismo infantil.

No entanto, nas práticas observadas, o ambiente parece mais responder às demandas de ordem e rotina do que servir como extensão das experiências de aprendizagem das crianças. Essa dissociação entre espaço e organização estética intencional com o intuito de estimular o desenvolvimento dos pequenos denuncia a urgência de repensar a formação dos profissionais da educação infantil, a fim de que possam reconhecer o espaço como linguagem, como sugere Bortolotti (2015), e, assim, planejá-lo de forma ética, estética e afetiva.

Bortolotti (2015) afirma que a estrutura e a organização do ambiente devem organizar-se de forma que potencialize o funcionamento da Educação Infantil, visto que esse desenvolvimento está intrinsecamente ligado à elaboração de propostas pedagógicas que atendam às necessidades de desenvolvimento das crianças.

Dessa forma, por meio da análise das entrevistas realizadas é possível compreender diferentes percepções e práticas relacionadas ao espaço estético no contexto escolar. Ao serem questionadas sobre o que entendem por espaço estético, as entrevistadas revelaram concepções variadas, ora vinculadas à organização e limpeza do ambiente, ora, à valorização da criatividade, do brincar e da autonomia das crianças. A participante K afirma: “Entendo por espaço estético na educação infantil o ambiente em que as crianças ficam e brincam”.

Algumas respostas revelam uma concepção mais tradicional, na qual a estética aparece relacionada à ordem e à previsibilidade, enquanto outras se aproximam de uma visão mais sensível e intencional, na qual o espaço é pensado como linguagem, provocação e lugar de múltiplas possibilidades expressivas.

Entendo como espaços estéticos lugares de vivências e brincadeiras, preparados e organizados para o desenvolvimento das crianças. Neles as crianças podem manipular e explorar de forma plena e rica, com um brincar significativo. O espaço estético difere de “jogar” os brinquedos no tapete e

sem posicionar peças, elementos e brinquedos, criando cenários e possibilidades, algo que convida a criança a imaginar (Participante Y)

Essas percepções dialogam diretamente com os estudos de Barbosa (2008), que compreende o espaço estético como uma dimensão pedagógica que ultrapassa a decoração superficial, exigindo do educador uma escuta atenta e sensível às experiências das crianças. Para a autora, o ambiente deve ser concebido como um lugar de produção de sentidos, onde as experiências são vividas de forma significativa. Essa perspectiva é também abordada por Hoyuelos (2020), ao afirmar que o espaço precisa ser acolhedor, que permita desenvolver de forma autônoma, mas também interativa, as máximas potencialidades de cada um.

Os dados apontam ainda que as profissionais demonstram cuidado com a organização dos espaços e reconhecem os efeitos positivos de ambientes bem estruturados no comportamento das crianças. As entrevistadas relatam que, quando os espaços estão limpos, organizados e com materiais dispostos de forma organizada e atrativa, as crianças demonstram mais interesse, curiosidade, concentração e tranquilidade. Isso é especialmente evidente nos relatos das participantes Y e A, que identificam que ambientes preparados favorecem o uso mais criativo dos brinquedos e reduzem os conflitos interpessoais.

Observo que eles conseguem se concentrar mais e utilizar de formas variadas e surpreendentes, conseguem imaginar mais. Quando não é organizado as crianças não manipulam tão bem, logo perdem o interesse (Participante Y)

Aparentemente ao chegar em um espaço organizado as crianças ficam mais calmas, visualizam os brinquedos e conseguem usar sua criatividade com maior facilidade e clareza (Participante A)

Essas observações se alinham com o pensamento de Malaguzzi (1999), ao afirmar que o espaço deve ser acolhedor, belo e instigante, funcionando como um convite permanente ao brincar, ao experimentar e à imaginação.

Ao abordar a organização dos ambientes, algumas entrevistadas destacaram o uso de “cantinhos temáticos” e materiais não estruturados, como tecidos, grãos e elementos naturais. Há também uma valorização das produções das próprias crianças como parte da composição estética dos espaços. Essas práticas refletem uma concepção de estética como linguagem e provocação, tal como discutem

Bortolotti (2015) e Horn (2004). Para essas autoras, a estética na Educação Infantil deve estar a serviço da escuta das crianças, permitindo a elas o uso de diferentes formas de expressão e a construção de relações afetivas com o espaço.

Ainda que as intencionalidades pedagógicas estejam presentes, as profissionais também relatam obstáculos significativos à efetivação de um espaço estético de qualidade. Entre os principais desafios estão as salas pequenas, a grande quantidade de crianças por turma, a presença de mobiliários inadequados e a ausência de ambientes diferenciados permanentes. A participante A, por exemplo, menciona a dificuldade de manter o espaço visualmente limpo e seguro diante da presença de móveis antigos, colchões empilhados e falta de locais adequados para armazenagem.

Na sala de aula a mobília ocupa uma parte significativa da sala e o espaço acaba ficando poluído visualmente, além de não proporcionar o espaço suficiente ao número de alunos por turma. Os armários velhos, pilhas de colchões e traveseiros ao livre, cadeiras e mesas empilhadas é perigoso e esteticamente feio (Participante A)

Já as monitoras K e C destacam que, por conta da falta de espaço fixo, é preciso montar e desmontar os ambientes de exploração diariamente, o que limita o tempo e a profundidade das experiências.

Por ser uma turma grande, as classes ficam dentro da sala. Muitas mochilas..acaba não tendo espaço para montar ambientes diferentes dentro da sala de modo "permanente". Preciso pensar em algo de montar no momento da atividade ou de exploração. Mas dentro do possível contribuir e contemplar o desenvolvimento. (Participante K)

A distribuição foi feita por adultos e para adultos, não contribui com as crianças, o que acaba sendo frustrante. Tentamos fazer o máximo para nos adaptar (Participante C)

Essas limitações evidenciam a distância entre os fundamentos teóricos e a prática cotidiana nos contextos institucionais. Barbosa (2008) já advertia que a construção de um ambiente educativo estético exige não apenas formação dos profissionais, mas também investimento pedagógico e financeiro, além de uma estrutura física adequada. Hoyuelos (2020) enfatiza que respeitar a infância implica reconhecer o direito das crianças a viverem em ambientes que acolham sua imaginação, seus afetos e sua liberdade expressiva. Nesse sentido, os relatos das

entrevistadas revelam o esforço das educadoras em superar os limites impostos pelo sistema, mesmo em condições adversas.

Outro aspecto relevante identificado nas entrevistas é a estreita relação entre a organização estética do espaço e o bem-estar emocional das crianças. A participante Y relata que ambientes bem pensados e organizados proporcionam segurança e tranquilidade, permitindo que as crianças explorem, investiguem e criem com mais liberdade.

O ambiente que foi organizado e pensado para que as crianças explorem traz segurança. As crianças podem investigar, explorar, criar, manipular e assim desenvolver de forma plena, com diferentes possibilidades de aprendizagem, respeitando as crianças, seu tempo e forma de se desenvolver (Participante Y)

Já a participante A, reforça a importância de cuidar da estética como forma de promover a empatia, o respeito e a autonomia.

Acredito que a estética de um espaço precisa estar preparado para tratar do autocuidado, autonomia, incentivar a expressão artística, a empatia, pode ser um espaço organizado de diferentes formas e com diferentes brinquedos (Participante A)

Essa compreensão amplia o entendimento do espaço estético para além da dimensão visual, relacionando-o ao afeto, à convivência e ao reconhecimento das crianças como sujeitos de direitos.

Zabalza (2011) contribui com essa perspectiva ao destacar que o ambiente educativo influencia diretamente nas relações interpessoais, no clima emocional e na qualidade das interações. Um espaço que comunica beleza, cuidado e intencionalidade transmite à criança a mensagem de que ela é valorizada, escutada e respeitada. Assim, o espaço estético torna-se um mediador fundamental no processo de desenvolvimento integral infantil.

A partir da análise das entrevistas, é possível afirmar que, embora as profissionais apresentem compreensões e práticas diversas, há um reconhecimento crescente da importância do espaço estético como elemento pedagógico. As experiências relatadas revelam avanços significativos na construção de ambientes que favorecem o protagonismo infantil, a escuta sensível e a multiplicidade de

linguagens. Ao mesmo tempo, os desafios estruturais e institucionais apontam para a urgência de políticas públicas que garantam condições adequadas de trabalho, formação continuada e valorização da infância.

Em síntese, o espaço estético na Educação Infantil não se resume apenas à organização física ou visual dos ambientes, mas constitui um campo de experiências, sentidos e relações. Como afirmam Malaguzzi (1999) e Hoyuelos (2020), é no encontro entre a estética, a pedagogia e a escuta das crianças que se constroem os contextos verdadeiramente educativos. Reconhecer o espaço como educador é também reconhecer a potência da infância, a criatividade como direito e a beleza como parte integrante do processo de aprender e de viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estética dos espaços na Educação Infantil vai além da dimensão visual, integrando uma proposta pedagógica que compreende o ambiente como parte essencial do processo educativo. Como apontam Horn (2004) e Barbosa (2008), espaços cuidadosamente pensados possibilitam experiências sensíveis, éticas e estéticas, favorecendo vínculos significativos, a expressão da infância e o protagonismo das crianças. A organização intencional dos ambientes, como defende Bortolotti (2015), revela concepções de infância, cultura e educação, sendo, portanto, uma prática pedagógica potente. Nessa mesma perspectiva, Hoyuelos (2020) destaca a relevância de uma estética que respeite os direitos das crianças e promova sua participação ativa no cotidiano escolar, contribuindo para a superação de modelos escolares engessados e pouco receptivos à diversidade da infância.

Para que o espaço seja reconhecido como linguagem e direito da infância, é fundamental investir na formação docente contínua e em políticas públicas que garantam a qualidade dos ambientes educativos, como orientam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009). No entanto, em muitos contextos, observa-se um descompasso entre essa visão pedagógica e as ações do poder público. Muitas vezes, essas iniciativas são justificadas sob o argumento de proporcionar mais conforto às crianças, mas, na prática, revelam-se estratégias voltadas apenas ao aumento da capacidade de atendimento e à

otimização de vagas, sem considerar os princípios da escuta, da estética, da ludicidade e da participação infantil. Essa incoerência entre discurso e prática reforça a necessidade de uma gestão pública comprometida com os direitos das crianças e com a construção de espaços que respeitem suas múltiplas linguagens.

A partir da análise das entrevistas realizadas com as monitoras de creche, foi possível evidenciar a relevância do espaço estético como componente fundamental do cotidiano educativo. As falas revelam diferentes compreensões sobre o que se entende por estética no ambiente escolar, variando entre concepções mais tradicionais, centradas na ordem e limpeza, e visões mais sensíveis, que reconhecem o espaço como linguagem, provocação e território de expressão infantil. Em comum, as profissionais demonstram cuidado e valorização do ambiente como elemento que influencia diretamente o bem-estar, a criatividade, a autonomia e a convivência das crianças.

A estética na Educação Infantil é fundamental para a criação de ambientes que acolham e respeitem as múltiplas linguagens da criança. No entanto, fatores como poluição visual, excesso de materiais e turmas muito cheias dificultam essa organização. Como destacam Horn (2004) e Hoyuelos (2020), é preciso pensar o espaço como lugar de escuta e pertencimento, o que demanda políticas públicas que valorizem a infância, as interações e a formação dos profissionais.

Embora se reconheça a importância do espaço estético na Educação Infantil, os relatos também apontam dificuldades para colocá-lo em prática, como a falta de recursos, problemas na estrutura das escolas e limitações da rotina diária. Esses desafios mostram a necessidade urgente de políticas públicas que garantam não só melhores condições físicas, mas também formação continuada e apoio pedagógico às equipes, para que os espaços sejam organizados com intenção estética e educativa.

Por fim, as reflexões desenvolvidas neste trabalho evidenciam a necessidade de aprofundar os estudos sobre a relação entre estética, organização dos espaços e práticas pedagógicas, especialmente em instituições públicas. Persistem desafios como concepções tradicionais que ignoram a dimensão simbólica e pedagógica dos

ambientes, além da fragilidade das políticas de formação continuada para monitores e auxiliares. Embora haja incentivo à formação inicial, a falta de propostas permanentes compromete práticas mais sensíveis à infância. Soma-se a isso a priorização de movimentos em prol da qualidade dos espaços e das experiências infantis. Diante desse cenário, reafirma-se a urgência de ações integradas entre formação crítica, investimento público e escuta das infâncias, compreendendo o espaço como linguagem e direito fundamental das crianças.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BATESON, Gregory. . **Mente e Natureza: uma unidade necessária**. Londres: Flamingo, 1989.

BORTOLOTTI, Sandra. **O espaço na educação infantil: organização e uso**. 1ª Edição. Curitiba. Appris, 2015.

BRASIL. Prefeitura Municipal de Carlos Barbosa. **EMEI Gotinhas de Amor ganha projeto de ampliação e reforma. Município de Carlos Barbosa, 27 jun. 2024**. Disponível em: <<https://www.carlosbarbosa.rs.gov.br/noticias/emei-gotinhas-de-amor-ganha-projeto-de-ampliacao-e-reforma>>. Acesso em: 11 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação/Secretaria da Educação Básica - **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para Educação Básica**. Brasília: MEC/SEB, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FARIA, Ana Lúcia G. **O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia infantil**. In: FARIA, Ana Lúcia G. e PALHARES, Mariana (orgs). Educação infantil pós - LDB: rumos e desafios. Campinas:, 4ª edição, 2005 p. 67-100..

FORNEIRO, Lina Iglesias. **A organização dos espaços na Educação Infantil**. In: ZABALZA, M. Qualidade em educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 1998, p. 229-283.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

HORN, Maria da Graça Souza. **Brincar e interagir nos espaços da escola infantil**. 1ª Edição. Porto Alegre: Penso Editora Ltda., 2017.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HOYUELOS, Alfredo. **A Estética no Pensamento e na Obra Pedagógica de Loris Malaguzzi**. Tradução de Bruna Villar. São Paulo: Phorte, 2020.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MALAGUZZI, Loris. **História, idéias e filosofias básicas**. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. As Cem Linguagens da Criança; a. abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre; Artmed, 1999.

RICORDI, Jéssica da Costa. **As crianças na educação infantil e o espaço da "grande escola" : um estudo de caso no município de Fazenda Rio Grande - PR**. 2020. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/72003>. Acesso em: 02 jun. 2025.

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. **Orientações para organização da sala na educação infantil: ambiente para a criança criar, mexer,**

interagir e aprender. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4644996/4119240/OrientaAesparaaOrganizauodasalanaEducauolInfantil.pdf>> Acesso em: 06 de abril de 2025.

STAKE, R. E. **Estudos de caso: investigação qualitativa em educação.** Porto Alegre: Artmed, 1994.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ZABALZA, Miguel. **Qualidade em Educação Infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Entrevista semiestruturada realizada com as monitoras de creche

Dados de Identificação

Nome:

Idade:

Formação:

1. O que motivou você a trabalhar na educação?
2. Aponte aspectos importantes sobre sua trajetória de atuação na educação.
3. O que você entende por espaço estético na Educação Infantil?
4. Como você organiza a rotina das crianças no turno extracurricular? Preocupa-se em manter a sala de aula organizada de maneira estética, pensando no estímulo ao desenvolvimento das crianças?
5. Você busca organizar os espaços de maneira estética para incentivar a criatividade das crianças?
6. Quais elementos visuais você considera essenciais dentro de um ambiente que seja esteticamente estimulante para as crianças?
7. Consegue observar se ocorre alguma diferença no comportamento das crianças quando estão em espaços mais organizados ou com elementos estéticos mais trabalhados?
8. Como é a distribuição do mobiliário? Você nota que essa distribuição contribui e contempla o desenvolvimento sensorial e motor das crianças?
9. De que maneira você integra a natureza e os elementos naturais na organização do ambiente estético?
10. Como as crianças interagem com os diferentes espaços estéticos durante o dia? Há algum que eles demonstrem gostar mais?
11. Você já teve alguma experiência em que a organização do espaço estético tenha influenciado diretamente na resolução de um desafio pedagógico com as crianças?
12. Como os materiais (brinquedos, livros, objetos decorativos) são escolhidos para promover o desenvolvimento das crianças de maneira integral?
13. Você utiliza espaços diferenciados para atividades específicas como arte e jogos diversos? Se sim, como você organiza essas áreas?
14. De que forma a organização estética do ambiente pode influenciar na construção de um ambiente emocional positivo para as crianças?

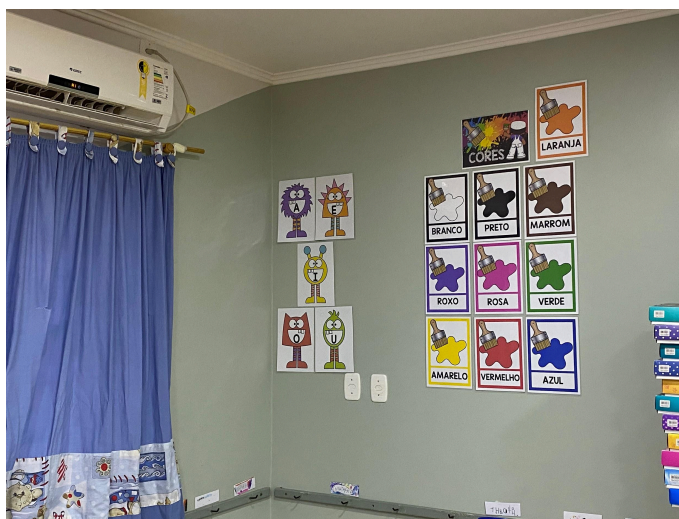
Apêndice B - Registro fotográfico dos espaços internos das três salas observadas, mostrando a disposição do mobiliário







Apêndice C - Fotografias dos cartazes e painéis informativos presentes nas paredes da sala da turma com as crianças de 5 anos





Apêndice D - Registro fotográfico do brincar das crianças de 2 e 3 anos na sala de referência



Apêndice E - Registro fotográfico do brincar das crianças de 3 e 4 anos na sala de referência



Apêndice F - Registro fotográfico do brincar das crianças de 5 anos na sala de referência

